

***Fact-checking* e a circulação da notícia política: o discurso sobre o fim da Cracolândia**

Daniela Borcezi

Carlos Willians Jaques Morais

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

A proposta deste artigo é identificar o processo de circulação das checagens de informações das agências de *fact-checking* e as tensões provocadas na produção jornalística. Trata-se de um estudo de caso, que teve como objeto de análise o discurso do prefeito de São Paulo sobre o fim da Cracolândia em 2017, via Facebook. O vídeo teve repercussão na rede social acerca das declarações polêmicas do prefeito João Dória, que foram checadas pela Agência Pública. Para analisar o processo de circulação das checagens de informação tomamos como referência os estudos de midiatização de Fausto Neto (2010; 2012), Carvalho e Lage (2012) e Braga (2012), que possibilitou observar a articulação dos fluxos comunicacionais e a circulação de novas ressignificações, os quais tendem a ocasionar tensões nos produtos jornalísticos.

Palavras-chave:

Circulação. Fact-checking. Política.

Introdução

Os efeitos da midiatização são sintomáticos na esfera política, a qual depende cada vez menos do campo jornalístico para que um fato se torne notícia, pois basta um político se pronunciar nas redes sociais para que o acontecimento ganhe notoriedade e agenda do público, sem ao menos passar pelo crivo jornalístico. Neste sentido, o campo jornalístico já não é mais a instância exclusiva de produção e mediação dos acontecimentos.

Fausto Neto (2012, p.300) acredita que essa mudança se refere ao próprio “entorno comunicativo” na medida em que a cultura, lógicas e operações de mídias se proliferam para todas as práticas sociais. Portanto, dizer que essas práticas estão atravessadas por efeitos deste novo ambiente, significa que o acontecimento depende menos de uma “decisão soberana” de um campo e de sua atividade de mediação. Aqui, a midiatização é entendida por um contexto em que “o funcionamento das instituições e suas práticas são diretamente afetadas pela presença dos meios e de suas lógicas de operação”.

Cabe observar que as transformações nas estruturas midiáticas fazem surgir novas modalidades discursivas, no sentido de reafirmar os valores da produção jornalística.



ca. Dentro disto, Campos e Neckel (2017) acreditam que as iniciativas de fact-checking se propõem a qualificar informações, inclusive às declarações políticas, e assim recolocam em circulação novas significações.

Já na perspectiva de Birolli e Boessio (2017), o termo fact-checking ainda não tem uma tradução consensual no âmbito jornalístico, ora é caracterizado como checagem de fatos, dados ou de discurso, porém tem ganhado visibilidade enquanto instrumento de apuração e modelo narrativo tanto em nível nacional e internacional.

Nesse cenário, ganha força uma nova modalidade jornalística. Na verdade, a especificidade do fact-checking não é necessariamente uma novidade no âmbito jornalístico, pois se trata de uma iniciativa que prima pela execução de um dos movimentos básicos da atividade: a devida apuração dos fatos necessários à construção de uma notícia. No entanto, o valor do fact-checking está na vigilância dos discursos a que o método se propõe: seu objetivo principal não é tornar a fala de determinado personagem algo noticioso, mas, principalmente, transformar em notícia a qualidade verossímil de sua fala. (BIROLLI; BOESSIO, 2017, p.2)

A partir deste contexto que emerge novos lugares de fala, propõe-se neste artigo investigar a influência do fact-checking no processo de circulação de notícias políticas e as afetações no campo jornalístico. Para isso tomamos como objeto de análise o vídeo publicado na página do Facebook do prefeito de São Paulo, João Dória, o qual declara o fim da Cracolândia em 2017. O vídeo teve mais de dois milhões de visualizações e ganhou pauta em diversos veículos de comunicação, além de fazer parte do projeto da Agência Pública, que checou seis frases ditas pelo prefeito no vídeo.

Inicialmente é feita uma abordagem histórica sobre as iniciativas mundiais de fact-checking e das atuais agências brasileiras que fazem parte desta pesquisa, posteriormente é apresentado as análises dos fluxos de informações das checagens de informações e das tensões ocasionadas na produção jornalística.

Iniciativas de *fact-checking*

Ao estudar a origem do fact-checking pode-se entender os princípios que regem a produção e circulação dessas informações. Este olhar histórico foi recuperado no curso “Fact-checking, a ferramenta para combater notícias falsas”¹, promovido pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e o Centro Knight para o Jornalismo nas Américas.

O fact-checking teve início nos anos 90 nos Estados Unidos, o primeiro checador de notícias foi Brooks Jackson, o qual trabalhava como correspondente de política na CNN em Washington. Nesta época, o país vivia a possível reeleição de George Herbert Walker Bush e Jackson decidiu acompanhar mais de perto as propagandas eleitorais

¹ O curso foi realizado entre os dias cinco de junho a dois de julho de 2017, na plataforma Knight Center for Journalism in the Americas.

feita na televisão americana.

A partir disto, o jornalista começou a classificar como falso ou verdadeiro os conteúdos que observava na internet e funda a primeira agência de checagem, a Ad Police. Conforme as experiências de Jackson, não houve reclamação dos políticos americanos sobre a iniciativa, ao contrário, se sentiam nas palavras do jornalista como “se precisassem de um juiz durante o período eleitoral para dizer quem estava falando a verdade ou não”. (TARDÁGUILA, 2017).

Algumas iniciativas de checagem aparecem no Brasil em 2010, durante as campanhas eleitorais, num projeto da Folha de São Paulo denominado Mentirômetro e Processômetro, o qual verificava o grau de veracidade de declarações dos políticos. A Agência Lupa foi a primeira agência de checagem, a produzir conteúdo e revender a outros meios de comunicação. Surgida em 2015, a agência amplia a checagem de informações para a área de economia, educação, saúde, cultura e atualmente conta com 12 jornalistas. Em 2014, a jornalista e fundadora da Agência Lupa, Cristina Tardáguila, mantinha o blog Preto no Branco, no jornal O Globo. O blog existiu aproximadamente por 90 dias, e contou com a colaboração de quatro a seis repórteres, que checavam as falas dos candidatos à presidência e governador da época (KNIGHT CENTER, 2017).

Ao todo foram analisadas 374 frases, dos quais 48% continham informações distorcidas, o que gerou impacto nas redes sociais do Globo e provocou mudança no comportamento político. Segundo Tardáguila (2017) houve alterações na campanha eleitoral do Aécio Neves e Dilma Rousseff, bem como pedidos de desculpas por alguns candidatos checados. Além disso, a experiência revelou a importância dessa prática para a democracia e o interesse do leitor em consumir esse tipo de informação (KNIGHT CENTER, 2017).

A Agência Lupa integra um grupo internacional de Fact-checking chamado IFCN, (Internation Fact-checking Network), um grupo de fact checkers, que se reúne para estudar como a checagem de informação pode causar mais impacto, ser mais atraente, e alcançar públicos maiores. Os princípios éticos de fact-checking do Instituto consistem na transparência da metodologia, para que o leitor saiba como é feita a seleção das frases; transparência das fontes, a qual permita ao leitor concluir se a informação é verdadeira, falsa ou exagerada. Transparência no tipo de financiamento da agência, que dever ser divulgado no próprio site ou blogs. Além de uma política pública de correções, no sentido de garantir que o dado equivocado seja corrigido, com a mesma amplitude, honestidade e clareza. E por último, trata-se do apartidarismo, ou seja, não utilizar o fact-checking para defender um lado e atacar outro (KNIGHT CENTER, 2017).

Outro modelo signatário da IFCN é a Pública - Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, que desde 2011 acompanha o noticiário político com o propósito de aferir veracidade aos discursos públicos. Os principais eixos investigativos são: os impactos dos megaeventos esportivos; tortura e violência dos agentes do Estado; mega-investimentos na Amazônia; crise urbana; e empresas e violações de direitos humanos.

Com o projeto denominado Truco, a Agência verifica se os discursos que circu-

lam na internet são verdadeiros, contraditórios, exagerados, discutíveis, contextualizados, distorcidos ou falsos. Esses selos de classificação de informação fazem referência ao coringa do baralho de cartas, com diferentes expressões e cores, como forma de facilitar o entendimento das checagens. (AGÊNCIA PÚBLICA, 2017)

Fundada pelas jornalistas Marina Amaral, Natália Viana e Tatiana Merlino, a Agência Pública aposta no modelo de jornalismo de financiamento coletivo, como forma de manter independência editorial. Segundo Bragança (2015, p.7) esse modelo rompe com a lógica tradicional de estrutura de trabalho desde o financiamento, seleção de pautas, estilo de texto e disseminação dos seus conteúdos. “É possível identificar neste modelo proposto pela Agência Pública um contexto diferenciado do que estamos habituados a encontrar no molde industrial, que tende a atender demandas de mercado”.

Ao descrever o funcionamento da Pública, o autor diz que as reportagens da Agência fogem da produção jornalística dos grandes conglomerados e cita como exemplo a série de reportagem denominada Amazônia Pública, que investiga sobre o impacto dos grandes empreendimentos na região amazônica e a vida de seus habitantes (BRAGANÇA, 2015).

Outro principal objetivo da organização é disseminar informações através de uma rede com mais de 60 veículos de comunicação, os conteúdos são republicados em portais de notícias, blogs tanto em nível nacional e internacional.

Abordagem analítica

Esta pesquisa é um estudo de caso descritivo e analítico dos fluxos de informações no ambiente digital, sob a perspectiva de (re) circulação do discurso do prefeito de São Paulo sobre o fim da Cracolândia em 2017. De acordo com Braga (2012) a midiatização é um fenômeno que possibilita múltiplas oportunidade de experimentações, mas é preciso levar em consideração algumas premissas básicas para a produção de conhecimento nesta área.

1) buscar uma ênfase descritiva dos observáveis, reduzindo a ênfase explicativa baseada em teorias estabelecidas; 2) reduzir a ênfase valorativa prévia e abrangente, que às vezes acompanha as explicações prontas – o julgamento funcionando como “explicação” dos processos observados; 3) finalmente, aproveitar, o mais possível, conhecimentos já desenvolvidos ou em desenvolvimento, produzidos pelo acionamento de teorias diversas sobre objetos diferenciados na área, buscando obter alguma transversalidade (BRAGA, 2012, p.7).

Neste sentido, o objeto desta pesquisa foi descrito sob o ângulo de mediação e midiatização no campo político por Fausto Neto (2012) e dos fluxos e contra fluxos comunicacionais a partir de Carvalho e Lage (2012) e Braga (2012). Desse modo, buscou-se fazer uma aproximação desses conceitos com a investigação empírica. Para che-

gar nos resultados foi observado desde o processo de circulação do vídeo na página do Facebook até a republicação dos conteúdos checados pela Agência Pública. De todo modo, foram observados as publicações nas redes sociais (Facebook e Twitter), nas plataformas de checagens (Agência Pública e Agência Lupa) e no site de busca (Google) a circulação de notícias sobre a Cracolândia após a checagem de informações.

O discurso sobre a Cracolândia

O vídeo publicado pelo prefeito de São Paulo sobre o fim da Cracolândia via Facebook em 2017, caracteriza um tipo de relação que o governo vem estabelecendo com a imprensa nos últimos anos, o de evitar contato com a sociedade por meio da mediação jornalística. De acordo com Fausto Neto (2012, p. 311) essa é a tendência da política contemporânea, os governos preferem falar com a sociedade “sem a mediação da imprensa, enquanto ‘elo de contato’, valendo-se, assim, do arsenal das tecnologias convertidas em meios, proporcionadas pela midiatização”.

Esta relação do governo com a imprensa foi observada nas notícias da Folha de São Paulo, em uma das matérias, intitulada “Dória quebra silêncio, fala de Cracolândia e promete que não recuará”², o jornal informa a resistência do prefeito em falar com os jornalistas e quando questionado sobre o assunto, delega as respostas à secretários. Em outra matéria “Dória quebra o silêncio, volta a falar de Cracolândia e promete não recuar”³, o mesmo jornal relata que após quatro dias sem o governo responder nenhuma pergunta da imprensa sobre a situação da Cracolândia, o prefeito publica um vídeo em rede social, para dizer que não vai recuar em sua política anticrack e enaltece o governo Geraldo Alckmin (PSDB) pela prisão de traficantes.

Carvalho e Lage (2012) entendem que a midiatização faz surgir novas formas de interação entre instâncias de produção e recepção do jornal, bem como a crescente articulação de fluxos informacionais de outros dispositivos e plataformas, além da adoção de estratégias autorreferencial, que transformam enunciação em acontecimento.

Neste complexo ambiente de mediações, centramos nossa atenção nas agências de fact-checking, que são adotadas por alguns veículos de comunicação em resposta à proliferação de boatos, que se manifestam nas redes sociais. Desse modo, podemos observar o fact-checking a partir de estratégias enunciativas, no sentido de reafirmar os valores da produção jornalística.

Para identificar a incorporação de novos fluxos informativos nos processos jornalísticos proveniente das agências de fact-checking, observamos seis frases ditas pelo prefeito no vídeo e checadas pela Agência Pública. Os fatores que motivaram a iniciativa de checagem do vídeo pela agência foram às críticas sobre a repressão policial, que dispersou usuários de drogas na capital paulista e a demolição de imóveis promovida pela prefeitura. Essas ações foram criticadas por especialistas em saúde, movimentos sociais, moradores e até mesmo pela ex-secretária de Direitos Humanos

2 Folha de São Paulo, 21/05/2017.

3 Folha de São Paulo, 21/05/2017.

do município, Patrícia Bezerra, que pediu demissão por discordar das medidas. Neste vídeo, João Doria justifica alguns fatos que ocorreram e afirma que não irá recuar ação contra traficantes (PÚBLICA, 2017).

Desse modo, trazemos seis declarações checadas pela Pública e divulgadas no dia 12 de junho de 2017, como forma de observar a construção dos enunciados e o contrato de leitura estabelecido com o leitor. No segundo momento, iremos nos ater aos processos de circulação e a incorporação desse fluxo informativo pelos meios de comunicação.

“A Cracolândia fisicamente deixou de existir”, essa foi a primeira declaração pronunciada no vídeo pelo prefeito, sobre a ação da Polícia Civil, do governo do Estado e da Prefeitura que retirou usuários de drogas no centro de São Paulo. No entanto, os dependentes se espalharam pela cidade e a maior parte deles se concentraram na praça Princesa Isabel, a duas quadras do local. Portanto, a Agência Pública considerou exagerado o prefeito dizer que “a Cracolândia fisicamente deixou de existir” (PÚBLICA, 2017).

“[A Cracolândia] era o maior supermercado de drogas da América Latina e um dos maiores do mundo”, nesta frase a agência constatou que o prefeito não forneceu dados para comprovar essa afirmação. Por isso, a frase foi considerada como impossível de provar.

“Durante duas décadas, poucas tentativas [de resolver o problema da Cracolândia] foram feitas e não funcionaram”, de acordo com agência, desde os anos 90 diversas operações foram realizadas na região para combater o tráfico de drogas ou auxiliar usuários. Por isso, a frase do prefeito foi classificada como falsa.

“Alguém pode dizer: ‘Espalharam-se pela cidade’. Nós já tínhamos várias Cracolândias em São Paulo”, segundo a agência, o prefeito está correto em afirmar que a cidade de São Paulo já tinha diversas Cracolândias. No entanto, Doria ignora que a ação policial promovida durante sua gestão fez com que os dependentes químicos se espalhassem pela região central da cidade e se concentrassem em outros pontos de uso de drogas, como a praça Princesa Isabel. Por isso, a frase foi classificada como distorcida, já que os dados foram usados para produzir uma falsa interpretação da realidade.

“Inicialmente houve sim a necessidade do envolvimento da polícia do estado de São Paulo, a Polícia Civil, numa ação para combater o narcotraficante”, a afirmação foi classificada como distorcida, pois ação policial que ocorreu no dia 21 de maio na Cracolândia não fazia parte dos planos da Prefeitura. A ideia inicial do projeto Redenção não era envolver a polícia e isso foi dito tanto pelo secretário de governo.

“Nós prendemos 53 [narcotraficantes na ação da Cracolândia.]”, A afirmação do prefeito João Doria foi classificada como exagerada, segundo a agência não é possível dizer que os 53 detidos na operação da Cracolândia eram traficantes.

Nas informações produzidas pela Agência Pública podemos identificar marcas enunciativas do jornalismo investigativo, que se manifesta na descrição de fontes confiáveis, no detalhamento de informações, cujo objetivo é revelar fatos ocultos que até então são desconhecidos pelo leitor. Segundo Bragança (2015) os repórteres da Pública são agentes de transformação e de questionamento. As pautas publicadas não têm

um prazo de fechamento curto como nas redações tradicionais, pois a proposta não é atender o mercado diário de jornais e elaborar um material que consulte as fontes primárias, ouça todos os lados das relações e, dentro da pluralidade jornalística, produza um material de qualidade em detrimento da velocidade.

Neste sentido, as iniciativas de fact-checking ressignificam o conteúdo das publicações das redes sociais e fortalecem a estrutura de mediação discursiva ao crivo do campo jornalístico. O processo intenso de midiaticização, segundo Fausto Neto (2009, p.21) produziu repercussões complexas nas relações entre os campos sociais, afetando o próprio status do jornalista enquanto perito da informação. “Tal lugar mediador vê-se diante da perda das forças dos seus próprios processos de reconhecimentos e com os quais era consagrado”.

Portanto, o modelo de comunicação da sociedade midiaticizada coloca em discussão a essência do trabalho jornalístico e a existência de novos atores no processo de noticiabilidade.

O processo intenso e crescente da midiaticização sobre a sociedade e suas práticas sociais, afeta de modo peculiar à cultura jornalística, seu ambiente produtivo, suas rotinas e a própria identidade dos seus atores. Seus efeitos transformam as fontes e leitores em instâncias de co-produção da notícia. Se não podemos falar do desaparecimento do jornalista como estrutura mediadora, muitas consequências põem em jogo seu atual status e sua identidade (FAUSTO, 2009, p.19).

No entanto, cabe observar que ao mesmo tempo em que as fronteiras entre produtor e receptor tendem a se diluir, há novas instâncias que buscam restabelecer essa relação. Desse modo, entende-se que as iniciativas de fact-checking são dispositivos enunciativos, que retoma a produção jornalística no seu sentido essencial e ao filtrar as informações recolocam em circulação novos sentidos discursivos, tencionando o conteúdo de outros produtos midiáticos.

Em relação à checagem do vídeo da Cracolândia foi possível constatar na publicação notas da Prefeitura de São Paulo sobre o resultado das checagens. Nos comunicados, a assessoria de comunicação afirma que:

Pode não ser possível provar a informação, mas também é impossível desconstruí-la. No entanto, prevalece, em nossa visão, a observação de que a antiga Cracolândia era, sim, um dos maiores polos de vendas de drogas do mundo. Impossível desconstruir (AGENCIA PÚBLICA, 2017).

Em nota, a assessoria de imprensa da prefeitura contestou o resultado da checagem e disse que a afirmação do prefeito é

verdadeira – sem discutir o posicionamento contrário de integrantes da administração: “A Prefeitura não pode intervir no serviço de inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, nem no ‘timing’ dos trabalhos policiais” (AGENCIA PÚBLICA, 2017)..

Nesta abordagem, o conceito de enunciação é entendido como um ato discursivo que se constitui em um complexo trabalho de referência. Segundo Fausto Neto (2010, p. 8), essa construção evidencia a produção discursiva como uma questão relacional, e não só de caráter instrumental. “O sujeito lida com várias injunções, de modo voluntário, ou não, nas quais a linguagem age sobre ele, produzindo surpresas e também dissabores”.

Portanto, foge ao controle do sujeito ou da Instituição o controle da sua atividade discursiva, o seu efeito de funcionamento ocorre na medida em que está “constrangido” ou “mobilizado” por ordem que o transcende, como sendo algo complexo como é a instância da interdiscursividade (FAUSTO, 2010. p. 8).

A tensão discursiva revela-se nas reações contestatórias pronunciadas pela prefeitura, que buscou refutar ou polemizar as questões pautadas pela Agência Pública. Na contra-argumentação, a assessoria de comunicação apresenta informações enfáticas sobre a atuação do governo, bem como se utiliza de dados estatísticos para sustentar sua versão.

Neste sentido, Fausto Neto (2010, p. 8) diz que a possibilidade de enunciar ou de constituir-se em co-enunciação, subentende a “submissão” da enunciação a uma ordem que transcende à dimensão interdiscursiva – o lugar de fala. Desse modo, não se pode ignorar os lugares de produção e recepção do discurso, pois se trata de uma ordem interdiscursiva onde a circulação se aloja – como “terceiro” – e se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos.

É nesta perspectiva que o autor traz o conceito de circulação distanciando-se da concepção instrumental, a qual denomina de “zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”. Portanto, essa instância passa a funcionar como uma “zona de indeterminação” enquanto dispositivo, ou espaço gerador de potencialidades. Dentro disto, dissolve-se no ato da enunciação a existência de uma noção de equilíbrio, vinculadas a noção simétrica de intenções entre produção e recepção. Neste âmbito, o contrato de leitura reduz essa complexidade, pois os meios de comunicação desenvolvem estratégias enunciativas para manter os leitores em “zonas de contatos” ou, de “pontos de articulação” (FAUSTO, 2010, p. 8-9).

Desse modo, entende-se que as estratégias enunciativas também são adotadas pelos meios de comunicação como forma de buscar legitimidade diante da concorrência. Neste sentido, observou-se no decorrer da análise, que após a divulgação da reportagem investigativa da Cracolândia pela Pública, no dia seguinte, a Folha de São Paulo publicou através da Agência Lupa a reportagem intitulada “Ações na Cracolândia de São Paulo x projeto Redenção: as divergências”⁴, um fact-checking sobre um programa do governo para combater as Cracolândias e o consumo de crack.

4 Folha de São Paulo, 13/06/2017.

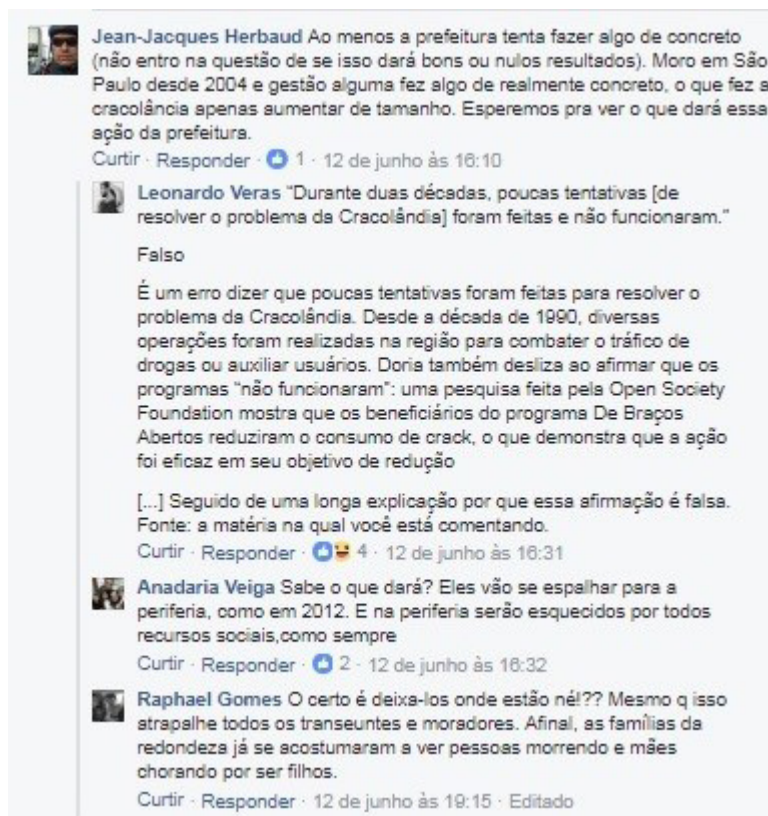


Figura 1 - Comentário dos Leitores. *Reprodução/Facebook.*

Esta questão faz refletir sobre a possibilidade das agências de fact-checking agendarem temas sobre os quais a sociedade deve falar, inserindo-se em outras modalidades discursivas. É essa aptidão que confere ao discurso midiático as características que o habitam a exercer as suas funções de mediação. (LACERDA; OLIVEIRA apud RODRIGUES, 2010).

Segundo Bragança (2015), a proposta da agência Publica é fazer circular conteúdos relevantes, que possa diversificar os temas de debates na sociedade. Na seleção e produção de notícias, também se observa a multiplicidade de formas como as reportagens são apresentadas, desde o formato de jornalismo online com texto, imagens e vídeos, passando por livros-reportagem a áudio-documentário.

Além disso, a rede de republicadores de conteúdo de fact-checking, também potencializa a circulação do discurso midiático e a sua infiltração em outras práticas discursivas. Neste contexto, entende-se que a circulação de conteúdos em diferentes plataformas mobiliza a participação colaborativa do leitor, o qual atribui novos significados ao conteúdo. Para Braga (2006, p.27) a interação comunicativa existe desde o momento que os receptores atribuem sentidos e significados às mensagens midiáticas,

não sendo assim meramente passível dos efeitos esperados pelos produtores. Portanto, “o sistema de interação social sobre a mídia (seus processos produtos) é um sistema de circulação diferida e difusa”.

No entanto, cabe salientar que uma das preocupações da Agência Pública é com a autenticidade do conteúdo reproduzido pelos leitores, conforme critérios de divulgação, a reportagem não pode ser cortada, reduzida ou editada e nem retirada do seu contexto. E todas as republicações devem trazer os créditos da Agência e do seu autor. Somente os títulos e intertítulos das reportagens podem ser alterados para melhor se adequar ao veículo.

Aqui a Pública descreve as possibilidades de construção de vínculos entre produção e recepção, levando-se em conta suas diferenças no trabalho de produção enunciativa. Neste sentido, Fausto Neto (2010, p.11) diz que a circulação é um lugar em que produtor e receptores se encontram em um “jogo complexo” de oferta e reconhecimento.

Para Braga (2012, p.40), nesse processo de circulação há uma espécie de “contrafluxo”, na qual os receptores produzem outros discursos, decorrente da variedade de processos, meios e produtos articuláveis ao circuito. “No contrafluxo, passamos a produzir a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou recebemos”.

Essa característica de fluxo contínuo marcado pela retroalimentação, segundo o autor, é um dos aspectos merecedor de investigação empírica, como forma de aprofundar a variedade de consequências problemáticas da interação social atual. (BRAGA, 2012, p.40)

Com base nisto, considerou-se pertinente trazer de modo sucinto algumas características de contra fluxos observados na rede social da Agência Pública. A reportagem “Checamos o vídeo de Dória sobre a Cracolândia”, teve 302 reações dos leitores no Facebook, com 226 “curtir”, 1 “amei”, 26 “haha”, 1 “triste” e 8 “grr”. Ao todo foram 106 compartilhamentos e 18 comentários. No Twitter a reportagem obteve 47 curtidas e 48 retweets.

Neste processo comunicativo, o contra fluxo é potencializado pela possibilidade de produção e compartilhamento de informações pelo receptor, que podem ser caracterizadas por conversações entre os leitores sobre um tema ou críticas às checagens do veículo, conforme na figura 1. De acordo com os estudos de Campos e Neckel (2017), além das iniciativas de fact-checking funcionar como filtro dos discursos políticos, também serve como ponto de partida para mobilizar os atores sociais, em decorrência das transformações tecnológicas e do processo de midiatização.

Considerações Finais

Em virtude das discussões incipientes sobre fact-checking, descrevemos o processo de circulação da notícia política e analisamos a influência dos novos fluxos e contra fluxos de informações que emergem socialmente com os processos de midiatização. Como observado neste estudo de caso, a notoriedade de um acontecimento político depende cada vez menos da mediação jornalística e mais das novas lógicas de

operação dos meios digitais. O vídeo sobre a Cracolândia divulgado pelo atual prefeito de São Paulo em sua rede social é sintomático, ao levarmos em consideração o elevado índice de engajamento do público com o post em comparação com a repercussão do tema nos tradicionais veículos de comunicação.

Nesse cenário de comunicação difusa, cabe destacar a influência das plataformas de fact-checking no processo de circulação de notícias políticas, considerando que a checagem e a enumeração de dados e informações retoma a produção jornalística no seu sentido essencial, ou seja, dá ênfase à investigação e apuração de informações. O conteúdo produzido nas mídias digitais é ressignificado pelas agências de checagens, provocando tensões nas produções jornalísticas, como a retratação da assessoria de imprensa da Prefeitura de São Paulo à respeito das declarações do prefeito e do posicionamento dos tradicionais jornais quando novamente agendaram o tema.

Uma explicação epistêmica do jornalismo pode ser observada pela influência desses novos processos de circulação da notícia. Nesses termos, o fact-checking problematiza a relação entre os aspectos teórico-conceituais da mídia com a investigação empírica que lhe é inerente. Conforme descrito por Braga (2012) os novos fenômenos midiáticos e sociais ampliam as oportunidades de experimentações na área do conhecimento, e no entender deste trabalho, podem exercer influências sobre os cenários eleitorais, quando as assessorias eleitorais se encontram em momento de intensa atuação nas plataformas de checagens concomitante às declarações políticas.

Referências

- AGÊNCIA PÚBLICA. Disponível em: <<http://apublica.org/>>. Acesso em: 08. jul.2017.
- BOESSIO, William Ricardo; BORELLI, Viviane. Uma Experiência em Fact-checking nas Eleições Municipais de 2016 em Santa Maria, RS. *XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Caxias do Sul, 2017. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0405-1.pdf>> Acesso: 02. jul. 2017.
- BRAGA, José. Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). *Mediação & Midiatização*. 1ª ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-03.pdf>> Acesso em: 25. jul.2017.
- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGANÇA, L. Pedro. A Agência Pública enquanto experiência de jornalismo pós-industrial no Brasil. *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0603-1.pdf>>. Acesso em: 25. jul.2017.
- BRAGA, José Luiz. Uma teoria tentativa. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/E-compós*, Brasília, v.15, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/viewFile/811/629>> Acesso em: 8.jul.2017.
- CAMPOS, M. Deivison; NECKEL, Ângelo. O lugar dos leitores na circulação

dos conteúdos da cobertura política da Agência Pública: Um estudo a partir do fact checking da eleição para prefeito no RJ. *VII Compolítica*, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/>> Acesso em: 08. jul.2017.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LAGE, Leandro Rodrigues. Midiatização e reflexividade das mediações jornalísticas. In: Maria Ângela Mattos; Jeder Janotti Junior; Nilda Jacks. (Org.). *Mediação e midiatização*. 1ed.Salvador: Editora da UFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf> Acesso em: 8.jul.2017.

ESTARQUE, Marina. Ações na Cracolândia de São Paulo x projeto Redenção: as divergências. *Folha de São Paulo*, 13 de junho de 2017. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/06/13/cracolandia-sp-redencao>>Acesso em 28. jul.2017.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação: Além das bordas. IN: *Mediatizacion, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Universidad Nacional de Rosario. Rosario, ago de 2010. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>> Acesso em: 8.jul.2017.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2030/1670>>Acesso em: 8.jul.2017.

FAUSTO Neto, Antônio. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo signifiante. IN: *Mediação e Midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf> Acesso em: 8.jul.2017.

LACERDA, A. Gustavo; OLIVEIRA, A. Luiz. A mídia como referencial de mundo e como instância de mediação social: limites e desafios. *Intercom: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-1396-1.pdf>> Acesso em: 28.jul.2017.

RODRIGUES, Arthur. Doria quebra o silêncio, volta a falar de Cracolândia e promete não recuar. *Folha de São Paulo*, 29 de maio de 2017. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1888484-doria-quebra-o-silencio-volta-a-falar-de-cracolandia-e-promete-nao-recuar.shtml>>. Acesso em: 28.jul.2017

RODRIGUES, Arthur. Doria quebra o silêncio, volta a falar de Cracolândia e promete não recuar. *Folha de São Paulo*, 29 de maio de 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1888484-doria-quebra-o-silencio-volta-a-falar-de-cracolandia-e-promete-nao-recuar.shtml>>.Acesso em: 28.jul.2017

TARDÁGUILA, Cristina. Fact-checking, a ferramenta para combater notícias falsas. *Centro Knight para o Jornalismo nas Américas*. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-18250-aposta-no-fact-checking-jornalistas-criam-mais-iniciativas-para-verificar-o-discurso-p>>Acesso em: 5 de jun. a 2 de jul. de 2017.

***Fact-checking on the circulation of political news:
The discourse on the end of Cracolândia***

Abstract

The aim of this article is to identify the process of circulation of information checks by the agencies of fact-checking and the tensions provoked in journalistic production. This is a case study, which had the object of analysis the speech of the prefect of São Paulo about the end of Cracolândia in 2017 via Facebook. The video had repercussion in the social network about the controversial statements of the prefect João Dória, who were checked by the Public Agency. In order to analyze the process of circulation of information checks we take as reference the studies of mediatization of Fausto Neto (2010;2012), Carvalho and Lage (2012) and Braga (2012), which made it possible to observe the articulation of the communication flows and the circulation of new discursive meanings, which tend to cause tensions in journalistic products.

Keywords

Circulation. Fact-checking. Politic.

Sobre os autores

Daniela Borcezi. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Jornalismo e Política: representações e atores sociais (CNPq/UEPG). danielaborcezi@gmail.com

Carlos Willians Jaques Morais. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Jornalismo e Política: representações e atores sociais (CNPq/UEPG). cwjmorais@hotmail.com